

Crianças em Risco: A Museologia como instrumento Educacional

Alfredo Tinoco

Para o Fernando Lopes e os rapazes do Colégio da Bela Vista

Em todo o mundo estão a ser comemorados, este ano, os dez anos da Convenção Relativa aos Direitos da Criança.

A preocupação em assegurar aos menores de 18 anos “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana”¹ e a constatação de que “a infância tem direito a uma ajuda e a uma assistência especiais”²) são afinal uma preocupação antiga dos homens.

Já em 1924, no rescaldo do primeiro conflito mundial, a Declaração de Genebra se preocupou com a situação das crianças.

Um passo em frente foi dado com a Declaração dos Direitos da Criança adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1959.

Foi, todavia, necessário esperar mais 30 anos para que a maioria dos Estados adoptasse e ratificasse uma Convenção nesta matéria que, sobre ser muito mais abrangente do que as anteriores, obriga os Estados ratificantes à observação do que está disposto no articulado, bem como à adopção de medidas internas (legislativas, políticas, sociais, etc) que garantam a aplicação da Convenção em cada país.

¹ Preâmbulo da Convenção relativa aos Direitos da Criança

² idem

Apesar desses esforços da comunidade internacional e da acção dos governos e outras instituições em numerosos países, verificamos hoje que a situação das crianças no nosso mundo não melhorou substancialmente e, em alguns casos, se agravou.

Com efeito, as alterações económicas e sociais, o agravamento da dependência em muitas zonas do globo, as desigualdades gritantes no eixo Norte/Sul, as migrações desordenadas (e muitas vezes trágicas), trouxeram, sobretudo aos meios urbanos de quase todos os países, uma degradação da qualidade de vida, acompanhada da ruptura das estruturas sociais tradicionais e dos laços familiares.

Tal situação implicou para muitos milhares de adultos uma vida cujo horizonte é a precariedade, quando não a pobreza, a miséria absoluta, a completa exclusão social

Para as crianças, que são naturalmente mais indefesas, a situação na periferia das zonas urbanas é ainda mais aviltante, já pelas condições em que são obrigadas a viver, já pela impossibilidade de enxergar um futuro diferente daquele que os seus próximos conhecem.

Não admira, pois, que se tenham multiplicado nos últimos anos os casos de crianças em risco, em situação de pré-delinquência ou de delinquência declarada (muitas vezes agentes de crimes graves: roubo, tráfico, ofensas corporais, homicídio).

Encarar esta situação e procurar para ela soluções estáveis é um imperativo de toda a sociedade.

Como poderemos nós, museólogos, ficar indiferentes a este problema? Não, podemos! Uma vez que a Convenção dos Direitos da Criança, estabelece claramente no seu articulado direitos inerentes à liberdade de expressão (art^o 13^s), à Educação (art^o 28^o e 29-) e o direito à Cultura e à Arte (art^o 31-). Já a

Declaração de 1924 o afirmava muito timidamente no seu artº 4º de parceria com outros direitos.

Por isso saúdo aqui vivamente a decisão do MINOM, tomada há três anos em Pátzcuaro, de reunir no Brasil este 8º Atelier Internacional sob o tema "Património, Juventude e Desenvolvimento".

E que melhor cenário poderia ter este Atelier senão esta cidade do Salvador, rica de Patrimónios, jovem de 450 anos apenas e cheia de jovens, e que vai construindo hoje, com segurança, o seu futuro.

Se outras razões não houvesse, os acontecimentos das últimas semanas justificariam o contributo que venho aqui trazer.

Não me refiro somente à tragédia da FEBEM Imigrantes e de estabelecimentos similares em S. Paulo. Prefiro recordar as experiências de sucesso neste mesmo Estado da Bahia, levadas a cabo na CASE da Fundc que se constituíram exemplo nacional e internacional no trabalho com crianças e adolescentes em conflito com a lei e a sociedade.

Tais experiências apresentadas durante a semana passada no Fórum Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Fonacriad) são para todos nós a confirmação de que o trabalho de recuperação dessas crianças é possível e que é possível a sua reinserção social. Basta adoptar as estratégias educativas e sociais adequadas.

Para mim foi especialmente gratificante acompanhar pela imprensa os resultados positivos deste trabalho.

E que vai para três anos que eu próprio trabalho no meu país com crianças e adolescentes em situação de risco.

Tenho procurado entender esses jovens para ajudar a encontrar estratégias socio-educativas que permitam reinseri-los

Marie-Therèse Raymond³ dedicou toda a sua vida de psicóloga-clínica ao trabalho com adolescentes difíceis. É ela que afirma “Os adolescentes difíceis proclamam imediatamente a rejeição de tudo aquilo que seja vida interna” (p. 12). Ora essas “recusas são, muito frequentemente, uma maneira de mascarar uma incapacidade. Estes jovens preferem dizer “Não quero”, quando deveriam dizer “não sei”, “não sou capaz (p.11)”. Desta forma eles, preservam o que lhes resta de amor-próprio.

Do mesmo modo se os convidamos a pensar, a reflectir, eles alegam que não querem. “Isso é uma chatice”, “Faz-me dores de cabeça”, “Não serve para nada”.

Também não são capazes de evocar o sonho. Dizem preferentemente “Eu nunca sonhei”, “Eu não sonho” (p.12).

Deixem-me trazer aqui à colação uma frase de um aluno meu que até serviu de capa a uma revista. Convidado a dizer o que faria se fosse cientista, o Ricardo Esteves, 16 anos, escreveu: “Inventava uma máquina de fazer sonhos cor-de-rosa e azuis que brilhavam como o sol”. Inventava uma máquina que lhe desse vida interior !!

Fazer apelo ao imaginário não resulta igualmente. O devaneio é-lhes inacessível. Só a realidade, o real presente lhes interessa. Recordar o passado ou imaginar o futuro também não tem para eles qualquer interesse. Eles estão mergulhados no facto. Só

3 Raymond, M. —T. "Considerações acerca das perturbações do pensamento dos adolescentes", in Infância e Juventude, nº1-99, págs. 9-112, IRS. Lisboa, 1999. A caracterização dos distúrbios internos destas crianças e adolescentes que aqui apresentamos socorre-se largamente do trabalho de M.-T. Raymond pejo que nos dispensamos de citações exaustivas assinalando apenas as páginas referentes ao artigo citado.

falam dele em estado bruto. Só a realidade exterior lhes interessa e é tolerada.

Compreende-se, portanto, a pobreza dos seus interesses, a incapacidade de concentração, de fixar a atenção. Compreende-se o vazio interno que os preenche.

Atente-se nas consequências deste estado no desempenho escolar: a escola nada lhes diz. O seu percurso académico é invariavelmente marcado pelo desinteresse, pelo insucesso, pela repetência, pelo abandono escolar precoce. É por isso que vemos meninos de 8, 9 10 anos vagueando pelas ruas quando deviam estar na sala de aula.

Estas crianças e estes adolescentes vivem os acontecimentos mas não se apercebem dos afectos que os acompanham. E também, e sobretudo, NÃO DISPÕEM DE PALAVRAS PARA OS ENUNCIAR

Eles ficam, em geral, no pensamento concreto, ao nível do facto, não tendo acesso ao figurado nem ao imaginário (p. 16).

Todos sabemos porque eles são assim. Estes jovens pertencem, geralmente, a famílias nas quais não de fala: age-se ! As trocas verbais dos adultos com as crianças são limitadas e pobres. O vocabulário é reduzido (p. 18). Nestes meios os intercâmbios fazem-se apenas em torno dos factos da vida quotidiana, limitando-se muitas vezes a ordens ou a proibições.

Está fora de causa dar algum lugar ao devaneio ou à expressão de sentimentos. O real e a urgência de satisfazer as necessidades elementares ocupam o primeiríssimo lugar, (e atenção que isso não acontece só nas classes mais desfavorecidas. Está a verificar-se nas classes altas em que o ritmo de vida, o “stress” que o acompanha, a exigência de prestações cada vez mais

absorventes ao nível do trabalho implicam uma relação (ou falta dela) semelhante entre pais e filhos).

Estas famílias não brincam com os miúdos. A criança não encontra encorajamento quando faz descobertas às quais, de resto, ninguém liga qualquer importância.

As consequências deste estado são de facto muito importantes. Já vimos o que acontece no plano das aprendizagens escolares ou manuais que não podem fazer-se. Mas acontece o mesmo no plano afectivo e no plano da adaptação social. A criança que é incapaz de entrar em si própria para pensar fracassa na escola e fracassa na nossa sociedade. Fracasso escolar é sinónimo de fracasso na vida e de impossibilidade de inserção profissional e logo, também, social.

Esta criança vê começar a aparecer à sua frente a precariedade e, mesmo, a exclusão.

A expectativa que podemos ter relativamente a estes jovens é que desapareça o medo que eles têm de pensar, o que lhes permitirá reflectir em vez de agir permanentemente, o que lhes permitirá realizar aprendizagens, como afirma M. T. Raymond.

Trata-se, portanto, de obter sucessos que lhes alimentem o seu ego, que melhorem a sua auto-imagem, que aumentem a sua auto-estima. Obter sucessos que combatam o desespero instalado por causa dos numerosos fracassos que eles conhecem desde sempre.

Fazer esta caminhada implica, pois, encontrar “outras” formas de aprendizagem, acertar estratégias socio-educativas capazes de pôr o pensamento a funcionar, e de ser capaz de “comunicar” aos outros o que se aprendeu.

Mas atenção: não se trata de dar a estes jovens um currículo reduzido e redutor. Eles necessitam da

mesma cultura que os outros ou ainda de mais. Do que se trata é de pô-lhes ao alcance essa cultura mas de maneira diferente.

A estratégia que adoptámos foi a de que os jovens aprendam fazendo (agindo. Agir é o que eles conhecem bem), de levá-las a serem os construtores das suas próprias aprendizagens, a serem responsáveis pelo seu desenvolvimento. E, no final, a serem capazes de comunicar a todos aquilo que aprenderam, por meio de uma linguagem que misture o verbal e o não verbal, uma linguagem formalmente e esteticamente cuidada e que todos sejam capazes de entender e admirar.

E aqui que entra o universo da museologia.

Socorremo-nos dos princípios, dos métodos e das ferramentas de trabalho próprias dos museólogos e dos museus para proporcionar a estes jovens aprendizagens que aliam o trabalho intelectual e o manual, os saberes e os saberes-fazer. Aprendizagens que sejam pluridisciplinares e interdisciplinares. Aprendizagens que integram a um tempo a escolaridade formal, que garante a formação cultural dos jovens, que exigem a aquisição de competências sociais e, sobretudo, de competências profissionais.

Essas três componentes na formação dos rapazes é que, a par de outras medidas de carácter político-social, lhes poderão garantir uma reinserção na vida activa mais eficaz, mais harmoniosa e duradoira.

A museologia trabalha com objectos. Objectos-signo, portadores de memórias. Objectos interpretantes. O trabalho do museólogo consiste em descodificar o objecto através de operações de documentação, de estudo, de restauração, quando é o caso, e, finalmente, em expô-lo tornando-o objecto interpretado mas que interpela o visitante e o faz participar da cultura e da memória de que o objecto é portador, ajudando à

construção da sua cultura crítica e, porventura contribuindo para o seu reforço identitário.

Foram este método, este processo e este meio de comunicação que pedimos emprestados à museologia, que deram forma a um projecto de formação pré-profissional que estamos a pôr em prática para jovens menores de 16 anos acolhidos em Colégios de Formação e Educação dependentes do Ministério da Justiça e através de protocolos celebrados com o Ministério da Educação e Centros de Formação Profissional.

O curso, a funcionar ao longo deste ano lectivo, não se chama de Formação em Museologia, nem tal seria entendido pelos responsáveis ministeriais em causa, chama-se de Formação em Artes Decorativas, o que foi bem aceite. Mas, como disse, os métodos de trabalho, as técnicas usadas respeitam ao universo dos interesses museológicos.

As aprendizagens são feitas a partir da recolha e tratamento de inúmeros objectos existentes no colégio, alguns de inegável interesse patrimonial e, até, raridade, provenientes de antigas instalações que ali funcionaram desde finais do século passado naquilo que era, à época, conhecido como “Casa de Correção”. A maioria desse acervo refere-se ao uso quotidiano - a alimentação, a cozinha, a lavandaria e engomadoria estão largamente representados. Outros objectos têm que ver com a assistência médica e a antropometria. Existe um excelente acervo constituído por materiais didácticos do passado que importam particularmente à história da educação e do ensino. Há ainda vários álbuns fotográficos e documentos manuscritos e impressos que permitem ajudar à reconstrução dos métodos e das técnicas de reinserção de crianças difíceis, nos últimos cem anos.

O projecto é criar um museu, um núcleo de memória da instituição. Para isso os alunos recolheram os objectos e procederam à sua arrumação provisória.

Agora, vão estudá-los na sua historicidade e na sua complexidade técnica - materiais constituintes, cores, formas, funções, proveniência. O que implica, desde já, a concorrência de várias disciplinas: a tecnologia dos materiais, a matemática, a física e a química, a história, o desenho, por vezes a ajuda de língua estrangeira.

Em seguida procederão ao registo e catalogação do acervo implicando o uso de fichas próprias, de fotografia, de captação de imagens videográficas e fonográficas, se for o caso, o que obriga à aprendizagem e ao uso de várias competências técnicas e linguísticas.

O núcleo central do curso é constituído por operações de restauração do acervo o que exige a aprendizagem das tecnologias de materiais nas áreas da pedra, da madeira, dos metais, do papel e da cerâmica e o domínio das técnicas apropriadas a cada operação.

O jovem é assim levado a reconhecer os vestígios do passado como fontes do conhecimento e raízes de identidade pessoal e social, apercebendo-se da necessidade de salvaguarda do património e da sua protecção.

Simultaneamente fica a conhecer a existência de várias teorias e das técnicas adequadas à restauração de cada tipo de materiais bem como aprende os efeitos do mau uso das técnicas e materiais de restauração que levam à deterioração e à degradação dos objectos.

O aluno deverá ser capaz de avaliar o estado de um objecto que careça de operações de restauração; de definir as técnicas e os materiais a empregar; de

elaborar um projecto/orçamento da restauração a efectuar e, finalmente, de executar operações de restauração em objectos antigos pertencentes ao património do Colégio.

O jovem teve de agir; teve de desenvolver habilidades manuais e de aperfeiçoar a destreza e a motricidade. Mas teve de pensar também. E fez aprendizagens. Aprendeu muitas coisas. Coisas até, que outros não saberão. Mas o processo não está concluído. Falta mostrar a todo o mundo que se aprendeu, que se foi capaz de construir um saber e que se é detentor desse saber.

Então usaremos, uma vez mais, os recursos museológicos. A museologia tem um meio de comunicação próprio, uma linguagem específica - a EXPOSIÇÃO.

No último módulo do curso o aluno aprende a conhecer as técnicas de exposição - a museografia. Aprende a conhecer os factores que condicionam uma exposição: suportes, luz, envolvimento, contextualização, legendagem. Aprende, ainda, a conhecer as condições de segurança e de manutenção para cada objecto e para cada tipo de material: a protecção, a luz, as vibrações, a humidade, a temperatura. Vai ser capaz de planificar uma exposição e fica a reconhecer a exposição como modalidade de linguagem e como meio de comunicação universal.

Quando, a partir de então, os alunos realizarem exposições periódicas, que serão vistas pelos seus próximos, mas também, pela comunidade e pelas autoridades que visitam o colégio, eles verão aí reconhecidas as suas aprendizagens.

Mais do que essas aprendizagens várias de que, afinal, eles foram capazes, eles fizeram a sua educação estética que é tão necessária, eles ficaram a reconhecer

o valor humano do trabalho, eles integraram valores como a cooperação e a solidariedade através da prática do trabalho em equipe, e, sobretudo, eles são, agora, capazes de comunicar a todo o mundo o que eles pensam e sabem. E isso serve-lhes para a vida presente e futura. Sem falar de que a auto-imagem sai melhorada e se reforçou a auto-estima. Talvez se tenha rompido a cadeia de fracassos e se instale na vida desses jovens uma era de sucessos.

Muito obrigado museólogos de todos os tempos
e de todos os lugares.

